

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15313 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

A PEDAGOGIA DECOLONIAL NO MOVIMENTO DE JUVENTUDE DE MULHERES INDÍGENAS EM TEFÉ-AMAZONAS

Nayara dos Santos Ribeiro - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Adria Simone Duarte de Souza - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

A PEDAGOGIA DECOLONIAL NO MOVIMENTO DE JUVENTUDE DE MULHERES INDÍGENAS EM TEFÉ-AMAZONAS

Resumo: As mulheres indígenas podem ser entendidas como a expressão viva do saber ancestral, como guardadoras de memórias no que tange ao saber coletivo. Ao nascer e crescer nesse ambiente repleto de códigos de vivências, que é a aldeia, nós, mulheres indígenas, nos vemos no centro das situações pedagógicas que constroem nossa identidade coletiva. E a juventude de mulheres em nossa criação comunitária é preciosa por toda a importância para o coletivo que elas representam. O presente trabalho visa compreender a pedagogia decolonial que se constrói no Movimento de Juventude de Mulheres Indígenas de Tefé e qual a sua contribuição para o movimento indígena, já que a juventude indígena tem sido linha de frente nas lutas por defesa dos direitos, territórios e políticas indígenas.

Palavras-chave: juventude de mulheres indígenas, pedagogia decolonial, movimento de juventude.

Introdução

A história de lutas dos povos indígenas são um processo de resistência para a existência da cultura, tradição, língua e o bem viver das populações indígenas. Todos os direitos conquistados são resultados de um movimento coletivo de homens e mulheres indígenas num processo constante de mobilizações e reivindicações.

As mulheres indígenas do Brasil, ao longo do processo histórico, foram aos poucos ganhando forças e conquistando seus espaços, tanto nas suas aldeias, quanto no próprio movimento indígena, e hoje muitas são referências mundiais e estão na linha de frente da luta pelo clima, proteção de territórios e defesas de direitos. São as mulheres indígenas que conseguiram romper a cultura do machismo, e agora, apoiam e inspiram outras mulheres.

Reconhecer o papel que as mulheres indígenas desenvolvem dentro da comunidade, desde a educação das crianças, o manejo da medicina tradicional (as curandeiras, erveiras, parteiras e entre outras tantas que são fundamentais para a sustentabilidade), a transmissão de conhecimento e até mesmo para a (re)existência de um povo. Reconhecer também que nós, mulheres indígenas, somos capazes de estar nos espaços de formação do movimento indígena e ter vez e voz nos espaços de construção das políticas para as comunidades indígenas, já que também fazemos parte dela.

Diante desses fatos, é importante saber e pensar quais as pedagogias decoloniais que se constroem nesse Movimento de Juventudes de Mulheres Indígenas de Tefé, na perspectiva

de Oliveira (2021) sobre a pedagogia decolonial.

“É a produção de conhecimento no ato de transformar a realidade colonial, por parte dos agentes educativos junto com os movimentos sociais. Pedagogia decolonial é aprender e desaprender as marcas coloniais de nossa formação e reaprender novas perspectivas de mundo a partir da diferença colonial, enfim, é aprender e desaprender novas posturas, novas ações de luta, novas ideias de bem viver. É um campo aberto, complexo e que não pode ser entendido como operações didáticas tradicionais, mas que estão em constante construção por parte de sujeitos coletivos.” (OLIVEIRA 2021 p.32).

Dessa forma, é fundamental visibilizar as juventudes, que protagonizam com suas ações, um movimento indígena mais unificado com a participação da juventude de mulheres indígenas, garantindo a seguridade de direitos, protagonismo e defesa dos territórios tradicionais.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos adotados para desenvolver a presente pesquisa foram pensados a partir dos objetivos gerais e específicos. Nesse sentido, esta pesquisa é de abordagem qualitativa e se configura como uma pesquisa ação, pois ao mesmo tempo que propusemos investigar o fenômeno do Movimento da Juventude de Mulheres Indígenas de Tefé, estamos envolvidas nas ações, como jovens mulheres indígenas. Como técnica para coleta de dados, usaremos a entrevista e as observações participantes nos encontros de juventude indígena de Tefé, com foco no movimento das jovens mulheres indígenas que os compõem. É importante salientar que os encontros não são específicos das mulheres, mas para a juventude indígena como um todo, no entanto, nossa proposta visa analisar um recorte desse movimento de juventude indígena com foco nas jovens mulheres.

Para análise dos dados coletados das entrevistas será feita as transcrições dos arquivos de áudio e a escolha das partes mais relevantes como resultado. Diante disso, temos como objetivo geral: compreender a pedagogia decolonial indígena no movimento da juventude de mulheres indígenas em Tefé. E específicos: analisar a construção do Movimento da Juventude de Mulheres Indígenas como uma pedagogia decolonial indígena por meio das narrativas das participantes; Identificar os conhecimentos gerados a partir dos encontros do Movimento da Juventude de Mulheres Indígenas em Tefé; E visibilizar as identidades das mulheres indígenas que compõem o Movimento da Juventude Indígena de Tefé.

Resultados parciais e discussões

Escrever sobre as múltiplas violências que nós, populações indígenas, temos sofrido ao longo da história é uma forma de denunciar os genocídios vividos pelos nossos corpos físicos, ancestrais e culturais, mas somente essa narrativa como fonte de história única não nos parece contemplar as nossas histórias. Por isso, se faz necessário territorializar a escrita a partir de outras perceptivas, das nossas perspectivas.

A juventude de mulheres indígenas têm utilizado as ferramentas de comunicação, para

contrapor e desconstruir o que a mídia dominante, que tendenciosamente divulga sobre os povos indígenas. A comunicação indígena é como a extensão dos nossos corpos-territórios nesse universo de significados que nos rodeia, seja dentro ou fora das aldeias. Nesse sentido, pensamos na comunicação oral como fonte de conhecimento primário, o que nos faz rememorar os significados mais profundos das nossas culturas.

Para além da comunicação oral, hoje temos domínio de outro código, a escrita. Usada para fortalecer nossos movimentos de lutas por direitos básicos, como a nossa própria existência, e aos direitos que todo cidadão e cidadã brasileira tem. Essa oralidade e a escrita, bem como nossos códigos de grafismos específicos de cada povo, são usados como base para a nossa organização enquanto povos com culturas diferenciadas.

Vale ressaltar que o silenciamento das línguas, marginalização dos grafismos, a negação da própria identidade e tudo que se refere a ela, foram fatores preponderantes para efetivação do genocídio e etnocídio que assombrou nossa história. E que nos negou o direito a ser quem somos, além dos que já habitaram em tempos imemoriáveis, ao qual nos foi subtraído, o direito de tomar conhecimento das suas existências.

Nesse sentido, compreender e visibilizar essa compreensão da pedagogia decolonial Indígena no Movimento da Juventude de Mulheres Indígenas em Tefé, a partir das nossas narrativas, é um passo importantíssimo pra ampliar a voz desse movimento de fortalecimento das nossas identidades, como juventude de mulheres indígenas, que também quer ecoar suas identidades neste mundo de significados e narrativas ao qual vivemos.

Considerações finais

A luta pelo direito de viver da cultura indígena nos levou por outros caminhos, antes protagonizados exclusivamente nas aldeias como guardiãs dos saberes ancestrais, e também nos levou a outros espaços de protagonismos. Como exemplo desses espaços, temos o Movimento da Juventude de Mulheres Indígenas se fortalecendo nos últimos anos. O movimento é um lugar de formação coletiva, ao qual nós, mulheres indígenas, estamos protagonizando a partir das demandas dos nossos povos. Logo, a pedagogia decolonial possibilita estudar esse processo de construção com uma visão anticolonialista.

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Clovis Antonio; HECK, Egon Dionisio (Org). **O movimento indígena no Brasil: da tutela ao protagonismo** (1974-1988) / Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga. **MULHERES, SABERES E COMUNIDADE: OUTRA EPISTEMOLOGIA**. Momento: diálogos em educação. v. 28, n. 3, p. 212-226, set./dez, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **O que é uma pedagogia decolonial** in: Pedagogias decoloniais na Amazônia: Fundamentos, Pesquisas e Práticas/ Adriane Raquel S. de Lima, Alder de S. Dias, Ana D'Arc M. de Azevedo, Cristiane do S. dos S. Nery, João C. da Mota Neto, Raimunda Kelly S. Gomes, Vítor S.C. Nery, Waldir F. de Abreu, Waldma Maíra M. de Oliveira (organizadores) – Curitiba: CRV, 2021.